



Fotos: Acervo do Programa

Instrutores voluntários, nosso muito obrigado!

Maria Cristina Padilha Bonfante

Um dos pilares do Programa UniversIDADE, com certeza, são os instrutores que participam como voluntários e dedicam parte do seu tempo a transmitir conhecimento e experiência. Muito louvável a atitude, pois poderiam estar usufruindo de outra maneira do tempo disponível. Os alunos observam a dedicação, a entrega, o compromisso e a alegria na administração das aulas.

São muitos os benefícios testemunhados pelos alunos ao apresentarem os resultados nas feiras com exposições de pinturas, fotografias, tricô e crochê e na formação do Coral, que se apresenta dentro e fora da Universidade. Além das atividades físicas, que torna os idosos conscientes das possibilidades de movimentação corporal e resultam na melhora da saúde e da memória. Há também a produção do Jornal UniversIDADE pela Oficina de Jornalismo.

É um encontro especial entre instrutores e alunos, que une gerações se doando e aprendendo mutuamente. Há casos de reencontros entre colegas da Unicamp, que se aposentaram e retornaram por meio do programa, proporcionando emoções e a descoberta de afinidades.

Os instrutores são muito especiais! Eles nos ensinam que nunca devemos parar de aprender, exercitar e viver. Seguir em frente, sempre!



Oficinas e atividades realizadas em vários espaços da Unicamp

**UniversIDADE
agora em Paulínia**

Pág. 2

**Alerta aos
sinais do AVC**

Págs. 4/5

**Devagar
e sempre**

Pág. 6

Com muito prazer, apresentamos mais um trabalho primoroso desenvolvido pelos queridos alunos da Oficina de Jornalismo do primeiro semestre de 2018.

Se há uma palavra para descrever a equipe de “feras” que produziu esta terceira edição, é perseverança. Todos foram batalhadores até o fim, e não se intimidaram com tantos contratemplos. Só para citar alguns dos imprevistos, houve feriados prolongados em março, abril e maio, mobilizações nacionais (caminhoneiros) e locais (funcionários da Unicamp) e, além de tudo, períodos de expedientes suspensos em virtude dos jogos do Brasil na Copa do Mundo.

Ufa, que semestre!!!

Mas, como é habitual na Oficina e na perspectiva que se trata de um jornal-laboratório, o próprio grupo elabora a pauta, faz pesquisa sobre o tema, seleciona as fontes, prepara as questões a serem abordadas, faz a entrevista e produz o texto.

Ah, tem também o toque final por conta dos professores Maria Alice Cruz (revisão), André Vieira (editoração) e Raquel Santos (assistência geral).

O resultado vocês podem apreciar: um belíssimo gol de placa!

O desejo é que a equipe prossiga na jornada em busca de conhecimento porque, da parte dos professores, o aprendizado foi inspirador.

Parabéns, Equipe Vencedora!

Programa UniversIDADE reduz distância para o seu público

Fernando J. Barbosa

O Programa UniversIDADE da Unicamp ampliou sua extensão. O novo núcleo em Paulínia deve abrigar 200 vagas em oito oficinas de quatro áreas de atividades. O reitor Marcelo Knobel acredita ser um ganho imenso a possibilidade de aprimorar a qualidade física e mental desse público. “É uma alegria ter essa oportunidade”, destacou durante a abertura dos trabalhos, em maio. Disse ainda que é nas experiências de parcerias que a Unicamp se abre, levando sua contribuição de capacitação em alto nível para núcleos que tenham a infraestrutura e políticas públicas organizadas.

Segundo a coordenadora do programa, a professora Kátia Stancato, o aprimoramento é essencial. “Vamos em busca do ideal de manter esse público ativo, físico e emocionalmente com melhoria da qualidade e longevidade, de forma integrativa”, enfatizou.

A apresentação do programa ocorreu no Theatro Municipal de Paulínia e contou ainda com a presença do prefeito de Paulínia, Dikson R. Carvalho. Ele comemorou com o público presente, a maioria com mais de 50 anos, a realização desse projeto. “Vocês são as estrelas desse evento”, disse ele. Dikson disse que outras parcerias a serem viabilizadas com a Unicamp serão divulgadas ao longo do ano. Ele ressalva que levar o programa para Paulínia resulta em mais praticidade, acessibilidade e conforto para a população da cidade.

O reitor da Unicamp afirmou que outras parcerias podem ocorrer em

Foto: Divulgação



O reitor da Unicamp Marcelo Knobel (à dir.) e o prefeito de Paulínia Dikson Carvalho assinam termo de parceria

outras cidades da região, tornando as atividades mais próximas da população. O professor Knobel disse que a Unicamp tem todo um potencial para outras cidades que tiverem estruturas. “Não vejo motivos para que outros núcleos do Programa não se tornem realidade”.

A coordenadora do UniversIDADE em Paulínia, Rosilene Maria Martins, informou que o calendário de atividades está previsto para o segundo semestre e que obedecerá a organização de matrícula já em funcionamento na Unicamp. Em Paulínia, as oficinas vão ser abrigadas nas praças de esportes, ginásios e outras unidades destinadas para atividades de esporte e cultura da Prefeitura.

Além de Paulínia, o programa tem uma outra extensão no bairro Jardim Campineiro, com projetos de Saúde Mental. Mais informações estão no site <http://www.programa-universidade.unicamp.br/>.

Expediente

Reitor: Marcelo Knobel
Pró-reitor de Extensão e Cultura: Fernando A. A. Hashimoto

Equipe

Diretor de Extensão: Celso Kazuyuki Morooka
Coordenadora Executiva: Profª. Dra. Kátia Stancato
Coordenadora Associada: Isabel Cristina Araújo Floriano
Assistente Técnica de Coordenação: Simone Cristina Ferreira

Jornal UniversIDADE - Unicamp 1º Semestre/2018 Nº 03

Responsáveis Eixos

Erika Aparecida Bueno, Rosângela Maria Galante Martinhago, Maria Cimélia Garcia e Vania Raquel Monteiro

Administrativo

Joaquim Cavallini de Araripe e Rinaldo Aparecido Norato

Responsáveis pela Oficina de Jornalismo

Raquel do Carmo Santos, Maria Alice da Cruz e André da Silva Vieira
www.programa-universidade.unicamp.br Tiragem: mil exemplares

Outubro é mês de voto consciente

Foto: Divulgação

Cacilda de Paula

O professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp Wagner Romão ministrou no primeiro semestre de 2018 a Oficina sobre Participação, Democracia e Políticas Públicas. Seu objetivo foi levar os alunos a pensar sobre a importância da participação na política. “Foi uma ótima experiência, fiquei muito contente”, comemora. Em entrevista ao *Jornal UniversIDADE*, o cientista político fala sobre a importância do voto após os 70 anos de idade e aborda aspectos da fake news e da polarização entre partidos.



Wagner Romão: importância do voto após os 70 anos

Jornal UniversIDADE – Segundo estatísticas, a população acima de 70 anos triplicará nos próximos anos. Qual a importância do voto nesta faixa etária?

Wagner Romão – Acho importante que o voto nessa faixa etária se amplie cada vez mais, embora as pessoas não sejam obrigadas a votar depois dos 70 anos. Como existe uma ampliação desta população, é importante também que políticas públicas para idosos e idosas sejam propostas, formuladas, apresentadas, executadas e implementadas pelos governos. O voto está muito relacionado à política pública realizada para um determinado grupo e o quanto este tem capacidade de fazer pressão política, que pode ser feita de muitas formas, mas o voto é uma das principais. Por isso, para que se tenha maior capacidade de intervenção, é preciso que elas votem e que se disponham a participar da vida política. Antigamente, as pessoas acima de 70 anos estavam fora da sua vida social, da sua vida política, da sua cidadania. Hoje vemos, não só pelo avanço da medici-

na, mudança de cultura de lidar com a saúde. Enfim, as pessoas chegam muito plenas aos 70 anos.

Jornal UniversIDADE – Votar em branco ou nulo atrapalha o fortalecimento da democracia?

Wagner Romão – Eu acho que o voto em branco ou nulo são expressões de um descontentamento. O fato é que a democracia representativa acaba afunilando demais, pois são poucos candidatos ou candidatas. Pode ser que algumas pessoas não se sintam representadas ou não se sintam inclinadas e não queiram votar em ninguém. Não acho que atrapalha o fortalecimento da democracia. Se a gente tiver, no entanto, uma concepção de que o voto não é um voto perfeito. Raramente as pessoas possuem uma identidade tão forte assim com seu representante. Então de certo modo é sempre um exercício de aproximação com aquilo que se pensa e se acredita. Enfim, se as pessoas não têm essa identificação, o voto branco ou nulo pode ser considerado um voto de protesto que as pessoas ma-

nifestam sua opinião. Isso também faz parte da democracia.

Jornal UniversIDADE – A polarização entre partidos, em um ano importante de eleições, prejudica ou ajuda na escolha de candidatos?

Wagner Romão – Acho que, de certo modo, mais ajuda do que prejudica. As posições políticas tendem a ficar mais claras porque uma coisa que se falava muito antigamente, que os candidatos eram todos iguais. Isso sim prejudica a escolha. Acho que a polarização não seja o melhor para a democracia, mas pelo menos é uma disputa mais clara de ideias.

Jornal UniversIDADE – Quais cuidados devemos ter ao compartilhar notícias nessa era de fake news?

Wagner Romão – É preciso muito cuidado com as notícias, sempre verificar a fonte. As pessoas acreditam facilmente naquilo que leem, e realmente neste momento de eleições, o compartilhamento é irracional. A tecnologia, o *Whatsapp*, acaba tornando fácil o compartilhamento.

Calendário Eleitoral 2018

As datas de votação serão:

- 1º Turno: dia 7 de outubro
- 2º Turno: dia 28 de outubro

Nas próximas eleições serão eleitos candidatos para cinco cargos diferentes. São eles:

- Presidente da República
- Governador
- Senador
- Deputado federal
- Deputado estadual ou distrital

Os eleitos irão cumprir mandato com início dia 1 de janeiro de 2019.

Foto: Divulgação



Empreendedorismo sênior: o conceito que veio para ficar

Gerson Alves

Jornal UniversIDADE – Qual o significado da palavra empreender?

Jô Furlan – Empreendedor é a pessoa que vai investir, enveredar seja no meio social, empresarial. Você pode empreender como empresário, você pode empreender no setor social, na sua carreira profissional. Tudo que você estabelece disposição de crescer e que demanda um investimento pessoal, eu chamo de empreender.

Jornal UniversIDADE – Então, o que seria o empreendedorismo sênior?

Jô Furlan – O empreendedorismo sênior foi criado como parte de uma das minhas teses sobre a questão da demência. Algo que eu identifiquei e acredito ser fundamental, diferente do que a pessoa entende como envelhecimento saudável, seria desenvolver a longevidade produtiva. Você só consegue ter uma longevidade saudável se for produtiva.

O neurocientista Jô Furlan escolheu a Unicamp para lançar o conceito de empreendedorismo sênior. “Estamos defendendo o conceito no Brasil e escolhemos o Programa UniversIDADE como parceira”, declara.

Afinal o que é empreendedorismo sênior? Segundo Furlan, é a forma como as pessoas usam as competências e conhecimentos adquiridos com a idade para empreender.

No primeiro semestre de 2018, o autor do livro “Inteligência do

Sucesso – A nova inteligência que explica a ciência do sucesso” ministrou a um auditório lotado e equipou o público com as principais ferramentas para estimular o empreendedorismo em uma população, como ele mesmo define, VES – Viva, Experiente e Sábia.

Em um dos intervalos de aula, Jô Furlan parou para explicar ao aluno e repórter do Jornal UniversIDADE Gerson Alves o que é este conceito inovador e como desenvolver e empreender em uma idade já avançada.

Jornal UniversIDADE – Como surgiu o conceito?

Jô Furlan – Quando estava pesquisando em 2016, observei que mais de 50% das empresas abertas eram de pessoas acima de 50 anos. Isso levantou um amarelo para mim. Essa pessoa teve um emprego e agora está empreendendo, mas é um risco, porque ela nunca foi dona de algo. As pessoas precisam entender

que o patrimônio que juntou ao longo dos anos é para aposentadoria ou para empreender. Já vi pessoas que perderam tudo o que juntaram por anos. Outro exemplo: pessoas que vendem o imóvel, investem tudo e depois ficam sem condições de sobrevivência. Então, empreendedorismo sênior é como eu uso minhas competências e meu conhecimento da idade para empreender.



Jornal UniversIDADE – Por que o termo sênior?

Jô Furlan – Eu questiono muito o termo idoso, terceira idade e melhor idade. Temos que pensar que a pessoa com mais de 50 anos tem que ser VES – Viva, experiente e sábia. Também não acho que é melhor idade, pois é certo que você não tem mais energia. Então, eu vou usar as vantagens a favor e consertar as

desvantagens. Eu traduzo isso para o empreendedorismo e vejo o que eu tenho como experiência.

Jornal UniversIDADE – Quais as características do empreendedorismo sênior?

Jô Furlan – É necessário se adequar. Se o instrutor é um cara jovem para meia-idade, ele vai falar ao jovem e não às pessoas com mais

idade. A pessoa vai se sentir tola. É desestimulante, pois não entende algumas questões e começa a se achar incapaz. É necessário personalizar um programa de empreendedorismo para pessoas que já viveram e têm uma mega experiência de que teve um grande chefe, trabalhou, mas não era dona do negócio. A pessoa que já teve negócio não vai estar aqui com a gente, ela já sabe fazer.

Jornal UniversIDADE – Qual é o impacto social, na família que este tipo de atitude pode ter?

Jô Furlan – Eu acredito que isso será transformador. Como neurocientista, sou absolutamente contra o conceito de que velhinho tem que ficar em casa. Que velho não tem que fazer nada. Não é uma questão de dinheiro. É questão de cérebro. Nosso outro curso aqui se chama “Como usar melhor seu cérebro”. Se você não exigir do seu cérebro, vai se acomodar e deteriorar precocemente. Você pode perguntar: Se eu usar melhor meu cérebro, eu não vou ter demência? Eu respondo que não há garantias, mas se você não usá-lo, ele vai deteriorar mais rápido.

Campanha quer atenção da população aos sinais do AVC

Fernando J. Barbosa

A neurocirurgiã e mestranda do curso de Neurociências da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp Aline Camargo coordena uma campanha de prevenção e detecção de Acidente Vascular Cerebral (AVC) antes que se atinja os estágios avançados e fatais da doença, que podem ocorrer em um processo muito rápido, em até 24 horas. Dados apresentados pela médica, por ocasião da abertura do Programa UniversIDADE em Paulínia, mostram que nas próximas décadas, o AVC atingirá muitas pessoas, não importando idade, gênero ou classe social.

Aline Camargo contou que só na Região Metropolitana de Campinas (RMC) ocorrem 200 casos por ano. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que a cada 17 milhões que sofrem da doença, 6,5 milhões vão a óbito. A médica informou que entre 2010 e 2016, graças às políticas públicas, houve queda nestes números no Brasil. Na contramão, no entanto, a RMC apresentou alta de 20%, no mesmo período.

A campanha ressalta a importância de prevenção, principalmente para o público acima de 50 anos e para quem tem histórico familiar da doença, diabetes, estresse e pressão alta. A rotina de má alimentação, sedentarismo, uso de drogas, tabaco e álcool piora as condições para o



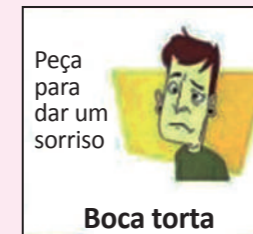
fígado e sistema vascular e podem provocar o AVC.

O AVC é tratável, explica a médica, pois ocorre de forma isquêmica com falta de oxigenação e nutrientes nas vias circulatórias até ocasionar o bloqueio das mesmas. “Quem já teve, mude os hábitos e quem não teve, fique atento aos cuidados para se manter em boas condições e evitá-lo”, alerta.

A campanha (veja ilustrações ao lado) ensina a verificar os primeiros sinais do AVC. Em caso de confirmação do quadro, ligar urgente para o 192. “A cada minuto o sintoma só piora e diminui as chances de evitar os danos. Mesmo que o sintoma desapareça, é importante buscar o socorro”, completa.

Aprenda os sinais de AVC, eles iniciam repentinamente

Sorria



Boca torta

Abrace



Perda de força

Música



Dificuldade na fala

Urgente



Ligue SAMU 192

Aja rápido. Tempo perdido é cérebro perdido.

Devagar se vai mais longe

Resenha do livro **Devagar**, do jornalista escocês Carl Honoré (Editora Record). A publicação trata do movimento Slow (palavra inglesa que significa lento, devagar), que segundo Honoré, se trata de um desafio ao culto da velocidade.



Ingvar Hjelmstrom V. Ribeiro



Para o escritor Carl Honoré, líder do movimento Slow, precisamos viver o presente conectados a nós mesmos e não a um *smartphone*.

É triste pensar que tudo funciona em uma única velocidade, quando como indivíduos diferentes, deveríamos ter nosso próprio ritmo. Esta percepção nos faria recuperar nossa autonomia temporal. Com a maturidade, sabemos que pensar é preciso, correr não. Então, há que desacelerar para saborear melhor nossas próprias vivências.

Qual a necessidade de desacelerar? Temos medo de desacelerar. Em muitos casos, isto significa fugir

das grandes perguntas, da vida e dos problemas. “Não tenho tempo para pensar em coisas tão profundas”, dizemos a nós mesmos. Nosso corpo, porém, máquina perfeita que é, acelera e desacelera de acordo com a vida que temos e a saúde que queremos ter.

As qualidades das relações interpessoais. Estar em um ritmo frenético implica em deixar de lado grande parte das coisas que se encontra pelo caminho, porque foge à nossa percepção. As relações humanas podem estar entre essas coisas, comprometendo a empatia e a qualidade nas relações.

Uma decisão básica e essencial: Não ter aparelhos tecnológicos no quarto de dormir, para que possa processar suas experiências cotidianas sem distrações ou estímulos. Não estar 24/7 disponível é funda-

mental para esse *break* (no inglês significa breve pausa, intervalo). Para os “apressadinhos” que padecem de uma certa dificuldade de se colocar em estado de ânimo e energia mais baixos, existem técnicas simples para entrar em sintonia com o ritmo vital.

Coração e cérebro agradecem!

A lista de técnicas propostas pelo movimento “Slow”:

- Desmarque um compromisso na semana;
- Priorize atividades físicas na sua agenda;
- Não desacelere bruscamente – isto não será eficaz;
- Desligue o celular por, pelo menos, uma hora a cada período.

O encontro semanal de gerações

Maria Cristina Padilha Bonfante

Maria Tereza Sossai Sanches, 67 anos, é de Espírito Santo do Pinhal, SP. cursou três faculdades e, em determinada fase da vida sofreu um aneurisma cerebral. Ficou em coma, se recuperou e não se deixou abater.

Yasmin Berzin Capozzoli, 24 anos, faz mestrado no Instituto de Artes da Unicamp e tem como orientadora a professora Larissa Sato Turtelli. Duas gerações diferentes e com histórias completamente opostas. As duas, semanalmente, têm a oportunidade de se encontrar às sextas-feiras na oficina “Danças Brasileiras e o conhecimento de si”, dentro do Programa UniversIDADE.

Para Maria Tereza, aprender com os mais jovens, como foi com seus alunos e depois os netos, é uma experiência necessária que nos mantém atualizados e conectados com as novas gerações. “Essa

Foto: Maria Cristina P. Bonfante



Maria Tereza (à esq.) e Yasmin Capozzoli

troca de informações que acontece na oficina deve ser sempre na base do diálogo e respeito e estarmos receptivos a novas aprendizagens”, destaca a jovem senhora. Maria Tereza acredita que nunca se deve parar de aprender e se movimentar.

Já Yasmin, acredita que o diálogo é a melhor solução para os conflitos existentes entre as gerações. As oficinas, em sua opinião, são momentos de troca de experiências não só para adquirir mais conheci-

mento, mas também para compartilhamento de vivências.

Yasmin se motivou a desenvolver a oficina com o público idoso após uma experiência na graduação do curso de Dança da Unicamp. Em 2015, desenvolveu um espetáculo para seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), baseado no método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete), que se trata de uma criação em dança partindo do encontro do bailarino com uma pesquisa de campo.

A vivência foi marcante para a mestranda, e fez com que ela fosse estimulada a olhar as pessoas na terceira idade com quem convivia. No caso da sua experiência no programa, Yasmin se sente estimulada, pois os alunos carregam inúmeras histórias de vida, tempo e lugares. “Eles compartilham a vivência com outras realidades, trazendo a reflexão sobre fatos que levam ao conhecimento de si mesmos”, define.

Cacilda de Paula (à esq.) expõe livros impressos com recursos próprios (abaixo), artesanato feito com recicláveis



Meio Ambiente

Celisa Rosa Colaferri

Cacilda de Paula, aluna do Programa UNIVERSIDADE, começou a escrever livros infanto-juvenis em 1993. Seu interesse foi despertado a partir da experiência que teve em São José dos Campos, uma cidade que investe em trabalho de orientação da população na coleta seletiva de lixo. “Comecei a escrever livros sobre a importância da preservação do meio ambiente, da tolerância e do trabalho em equipe”, afirma. Cacilda foi uma das participantes da Sema-

na do Meio Ambiente da Unicamp, ocorrida em junho, em que o Programa teve participação intensa.

Exposições de bordados, de fotos e feira de variedades fizeram parte da programação. A mostra de bordados teve o tema “Eu bordo, tu bordas, nós somos alegres” e esteve exposto no saguão da DGA, ao lado de móveis produzidos com pallet. Já a exposição de fotos, também na DGA, trouxe o tema “Percepções do ambiente e seus desafios para Unicamp sustentável”. Na Feira de Variedades, trabalhos realizados nas ofici-

nas de artesanato mostraram várias técnicas de reaproveitamento de materiais. Entre eles pintura em madeiras, bordados, tricô, patchwork, macramê, pedrarias e outros.

A Semana do Meio Ambiente da Unicamp teve como tema “Eu e a Sustentabilidade na Unicamp” por iniciativa do Grupo Gestor Universidade Sustentável. O Dia Mundial do Meio Ambiente é comemorado em 5 de junho, data recomendada pela Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente, realizada em 1972, em Estocolmo, na Suécia.

Preservação com sustentabilidade

Fernando J. Barbosa

A proposta de Meio Ambiente mais sustentável ganhou força com as diversas campanhas que estão sendo feitas na Unicamp. O Grupo Gestor Universidade Sustentável (GGUS) e Coletivo Socioambiental, tem adotado esse desafio, ao oferecer um caráter de sustentabilidade a várias programações. Os usuários dos restaurantes e participantes da Semana do Meio Ambiente, por exemplo, puderam conferir intervenções pelo não uso de copos descartáveis, palestras e feiras. Até a Área de Recepção da Diretoria Geral de Administração (DGA) foi totalmente modificada para mostra dos trabalhos das oficinas e uma exposição que expressa a importância da

preservação do Meio Ambiente, conforme informou Maria Gineusa de Medeiros e Souza, que promoveu esses eventos em conjunto com Washington R. da Silva.

Em continuidade à campanha da Semana do Meio Ambiente, várias atividades ainda estão previstas, como a eliminação definitiva do uso dos copos descartáveis. Só nesse item, a Unicamp deixaria de enviar 12 milhões de copos por ano para o aterro sanitário. Esse material enfrenta dificuldade de destinação, não tem sido reciclado e está sujeito a impactos ambientais. “Caso venham a cair em nascentes, podem se transformar em microplásticos e alimentar espécies animais”, explica Gineusa.

Obras da autora



Foto: Celisa R. Colaferri

Atualmente, Cacilda de Paula imprime cem exemplares com recursos próprios. Quando conseguia patrocínio, alcançava o número de 500 a mil exemplares.

Títulos disponíveis:

- Releitura dos 3 porquinhos, na Era da Sustentabilidade;
- Diário de Billy, um Cão Abandonado;
- Reunião da Dona Alface;
- Luara e Soraya, por uma sociedade antirracista.

Os livros são vendidos com kits de dedoches de feltro dos personagens.

Entre diversão e concentração, o teatro anima o público

José Oscar P. de Souza

Carmen Freitas é instrutora da Oficina de Teatro do Programa UniversIDADE. Desde o ano passado, ela prepara os alunos para a encenação de um dos maiores clássicos infantis, “Pluft, o fantasminha”, cujo roteiro trata do rapto da garotinha Maribel pelo malvado pirata Perna-de-Pau.

A peça escrita pela dramaturga brasileira Maria Clara Machado e com trilha sonora de uma das alunas, a Ingvor Hjelmstrom, é o ponto de partida para a animação dos participantes da Oficina. Entre diversão e concentração, Carmen Freitas foi cativada pelos alunos do Programa. Confira a entrevista com a diretora.

Jornal UniversIDADE – A partir de qual idade você começou a se interessar pelo teatro?

Carmen Freitas – Só me interessei por teatro em 2013, aos 37 anos, durante uma oficina para iniciantes oferecida aos funcionários da Unicamp. Cheguei à oficina desejando apenas ter uma experiência criativa, por quatro meses e logo esse pequeno desejo se transformou em amor profundo. Atualmente, o teatro é alimento necessário em minha vida. Não é mais possível ficar longe!

Jornal UniversIDADE – O que o teatro é para você?

Carmen Freitas – O teatro já me trouxe e me traz a cada dia muitas habilidades, aprendizado contínuo, tolerância, resiliência, comunicação... Desperta muitos sentimentos como amor, paz, plenitude e muitas atitudes como coragem, energia e inspiração. E, principalmente, ou resumidamente, o teatro pintou a minha vida cheia de dúvidas com a certeza de que meus valores e minhas ações são necessários como agentes precursores de um mundo melhor.

Jornal UniversIDADE – Você gosta de trabalhar com alunos com idade acima de 50 anos?

Carmen Freitas – Meu primeiro projeto com pessoas acima de 50 anos é a Oficina de Teatro do UniversIDADE, oferecida desde agosto de 2017. Já nos primeiros encontros, os alunos me cativaram pela energia, vontade de experimentar coisas novas e, principalmente, pelo engajamento e desejo de realizar. Se eu gosto? Eu amo!

Jornal UniversIDADE – Qual a melhor experiência que você guarda no palco como atriz?

Carmen Freitas – Eu tenho dois grandes amores como atriz: o personagem Zêpo, da peça “Piquenique no Front”, de Fernando Arrabal, que fiz com a companhia de Teatro Arte e Ofício e apresentado em 2016; e Menino do Tempo em “A Menina e o Pássaro Encantado”, adaptação do conto de Rubem Alves, com a Companhia Cia Cor de Teatro, apresentado em 2015 e 2016.

Fotos: Divulgação/José Oscar P. de Souza



Alunos durante apresentação da peça “Pluft, o fantasminha” (acima); e Carmem Freitas (2ª agachada à esquerda) com o elenco



Poesia

Grito de Gratidão*

*Somos eternamente agradecidos e agraciados
Pelo fato da doação eleita e aceita em teu coração doador
É na dor que reconhecemos os verdadeiros amigos,
mesmo desconhecidos
Doadores, o nosso eterno agradecimento
Não importa a cor, credo, crença ou religião ou mesmo
a condição financeira
Bastam boas maneiras: seja um doador ou doadora
Doe sangue, gotas que salvam vidas
A minha, a tua, a nossa e de muitos outros de Campinas e região
Ou melhor, de toda esta nação
Brava gente brasileira ou estrangeira que aqui faz moradia
Doação a mais bela ação
Pisa firme neste chão Brasil
Obrigada doadores de órgão, medula óssea, coração, sangue...
Gotas que salvam vidas
Doe sangue, esta fonte tão necessária à vida
Pense nesta possibilidade
Basta que tu queiras
Prazer em conhecer
Obrigada, obrigada, obrigada.*

* **Autoria de Graças Gomes, aluna da Oficina de Jornalismo do Programa UniversIDADE.**



Foto: Raquel C. Santos